



FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



VANILCE FARIAS GOMES

**PRÁTICAS FEMINISTAS NEGRAS: FAZERES, SABERES, LUGARES E
SUBJETIVIDADES (RE)EXISTENTES**

Dourados

2021

VANILCE FARIAS GOMES

**PRÁTICAS FEMINISTAS NEGRAS: FAZERES, SABERES, LUGARES E
SUBJETIVIDADES (RE)EXISTENTES.**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha de Pesquisa em Processos Psicossociais.

Orientador: Prof. Dr. Conrado Neves Sathler

Dourados

2021

VANILCE FARIAS GOMES

PRÁTICAS FEMINISTAS NEGRAS: FAZERES, SABERES, LUGARES E SUBJETIVIDADES (RE)EXISTENTES.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Conrado Neves Sathler (Orientador)
UFGD

Prof.^a Dr^a. Veronica Aparecida Pereira
UFGD

Prof.^a Dr^a. Milena Britto de Queiroz
UFBA

Dourados – MS, 05 de março de 2021



UFGD

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DOURADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR **VANILCE FARIAS GOMES**, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO “PSICOLOGIA”.

Aos cinco dias do mês de março de dois mil e vinte e um, às oito horas, em sessão pública, realizou-se na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada “**PRÁTICAS FEMINISTAS NEGRAS: FAZERES, SABERES, LUGARES E SUBJETIVIDADES (RE)EXISTENTES**” apresentada pela mestranda **Vanilce Farias Gomes**, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof. Dr. Conrado Neves Sathler/UFGD (presidente/orientador), Profa. Dra. Veronica Aparecida Pereira/UFGD (membro titular) e Profa. Dra. Milena Britto de Queiroz/UFBA. Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer à candidata e aos integrantes da Banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada **APROVADA**, fazendo *jus* ao título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**. **Os membros da banca abaixo assinados atestam que todos os membros participaram de forma remota¹ desta defesa de dissertação, considerando a candidata APROVADA, conforme declaração anexa.** Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados, 05 de março de 2021.

Prof. Dr. Conrado Neves Sathler /UFGD – Participação remota*

Profa. Dra. Veronica Aparecida Pereira/UFGD – Participação remota*

Profa. Dra. Milena Britto de Queiroz/UFBA – Participação remota*

¹ Participação remota dos membros da banca conforme § 3º do Art. 1º da Portaria RTR/UFGD n. 200, de 16/03/2020 e Art. 2º e 5º da Instrução Normativa PROPP/UFGD Nº 1, de 17/03/2020

(PARA USO EXCLUSIVO DA PROPP)

ATA HOMOLOGADA EM: ___ / ___ / ____, PELA PROPP/ UFGD.

Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa
Assinatura e Carimbo



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

**DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO À DISTÂNCIA - SÍNCRONA - EM BANCA
DE DEFESA DE MESTRADO / UFGD**

Às 08:00h do dia 05/03/2021, participei de forma síncrona com os demais membros que assinam a ata física deste ato público, da banca de Defesa da Dissertação de Mestrado da candidata **VANILCE FARIAS GOMES**, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Considerando o trabalho avaliado, as arguições de todos os membros da banca e as respostas dadas pela candidata, formalizo para fins de registro, por meio deste, minha decisão de que a candidata pode ser considerada: **APROVADA**.

Atenciosamente,

Universidade Federal da Grande Dourados

Programa de Pós-graduação em Psicologia



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

**DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO À DISTÂNCIA - SÍNCRONA - EM BANCA
DE DEFESA DE MESTRADO / UFGD**

Às 08:00h do dia 05/03/2021, participei de forma síncrona com os demais membros que assinam a ata física deste ato público, da banca de Defesa da Dissertação de Mestrado da candidata **VANILCE FARIAS GOMES**, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Considerando o trabalho avaliado, as arguições de todos os membros da banca e as respostas dadas pela candidata, formalizo para fins de registro, por meio deste, minha decisão de que a candidata pode ser considerada: **APROVADA**.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Veronica Aparecida Pereira

Universidade Federal da Grande Dourados

Programa de Pós-graduação em Psicologia



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:
PSICOLOGIA
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

**DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO À DISTÂNCIA - SÍNCRONA - EM
BANCA DE DEFESA DE MESTRADO / UFGD**

Às 08:00h do dia 05/03/2021, participei de forma síncrona com os demais membros que assinam a ata física deste ato público, da banca de Defesa da Dissertação de Mestrado da candidata **VANILCE FARIAS GOMES**, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Considerando o trabalho avaliado, as arguições de todos os membros da banca e as respostas dadas pela candidata, formalizo para fins de registro, por meio deste, minha decisão de que a candidata pode ser considerada: **APROVADA**.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Milena Britto de
Queiroz Universidade Federal da
Bahia
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

G633p Gomes, Vanilce Farias

Práticas Feministas Negras: fazeres, saberes, lugares e subjetividades (re)existentes [recurso eletrônico] / Vanilce Farias Gomes. -- 2021.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Conrado Neves Sathler.

Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2021.

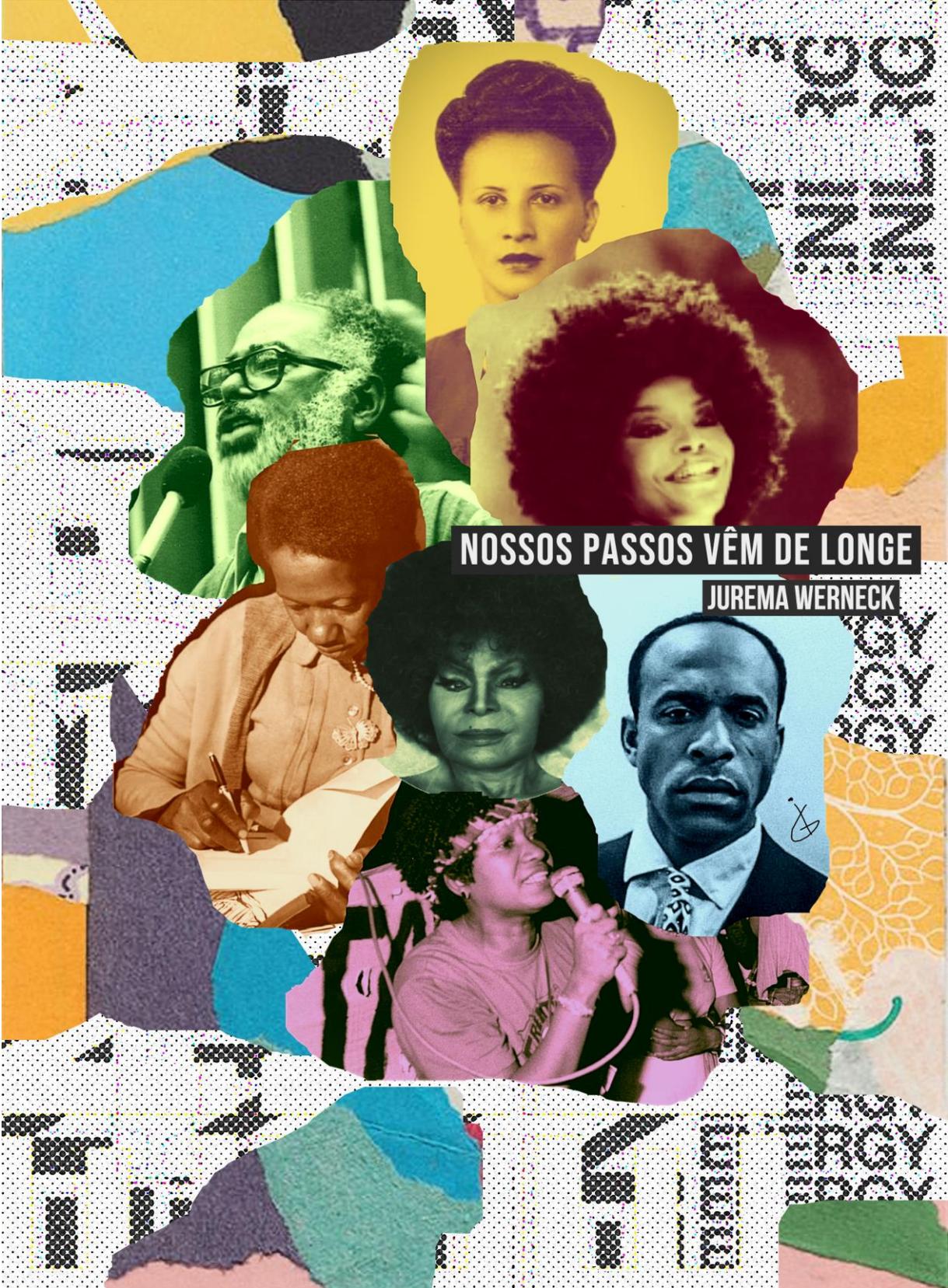
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Movimento Hip-Hop. 2. Subjetividades Negras. 3. Interseccionalidade. 4. Análise do Discurso.
5. Relações de Poder. I. Sathler, Conrado Neves. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE

JUREMA WERNECK

Dedico este trabalho àquelas/es que vieram antes de nós, que lutaram e continuam a lutar para nos mostrar a necessidade do cuidado, da esperança, do desejo e do amor. E àquelas/es que ainda virão.

“A voz tem força que a boca desconhece. Pensamentos versam e guiam o caminhar. Poesia-oração é alimento e armadura. As letras que me vestem rabiscam a fé que me ergue. Mulher é bicho-gente que sangra e que sonha. Eu lírica, sou grande. [...] Escrita viva é munição, mulher palavra pro mundo é quem dá direção” (Trincheira #ElasSim – Drik Barbosa e Slam das Minas SP).

“Olhando pra trás dores e espinhos sem flores, desde os ancestrais. Horrores de senhores que atrasaram nossa história, o legado é mais, jamais mancharam nossa memória. São questões emocionais atando os nós em nós. Sem 'tá inteiros nessa, é só pressão e pressa. Sendo assim não tem conversa. Só existe nós se eu cuidar de mim, cuidar de mim” (Sobre Nós – Drik Barbosa, Damien Seth, Marissol Mwaba e Rashi).

“Deixa as onda vir, eu já surfei em tsunami. No meio do caos, guerreio enquanto a mente expande. Hoje sei que viver não é só sobre pagar contas. Manter a sanidade é desafio de gente grande. Mil vezes mais forte, mil vezes mais alvo, mil vezes mais ágil” (Herança – Drik Barbosa, AuraSoul, Diego Amani e Grou).

“Ocupamos nosso espaço, cada passo um pedaço. Agora traço uma memória de que eu sempre serei. Falo eu porque sou nós. Grito de entranhas, ímpeto feroz. Afastando atitude atroz, partindo pra cima do algoz. Pra quem não conhece o respeito eu sou um perigo. Me olho no espelho e digo: - não é meu inimigo, não te quero domado, não te quero contido, é território conquistado, é espaço garantido” (Território Conquistado - Larissa Luz e Elza Soares).

AGRADECIMENTOS

“Te olho e vejo flores, mãe. No abraço acalanto. Olhar resume o quanto sua vivencia foi difícil. São ossos do ofício, mãe enquanto me assume como cria. Nove meses respirei junto contigo e ainda respiro” (Herança – Drik Barbosa, AuraSoul, Diego Amani e Grou).

A minha mãe d. Vasti, com quem aprendo todos os dias a lidar com a vida e por todo o incentivo e fé em mim depositados em minhas andanças, sonhos e desejos.

Ao meu pai, Bobi Nelson, com quem aprendi valiosas lições mesmo após sua morte, viraste ancestral cedo demais.

“Não vim pra ser sozinha, minhas irmãs, pedaços meus. Missão é ser colo pra elas enquanto elas são meu norte, é mais que sorte. Abençoada por quem sou, porque só sou porque elas são minha maior fonte de amor” (Herança – Drik Barbosa, AuraSoul, Diego Amani e Grou).

Às minhas irmãs, Elizena e Vanilza, por sempre me lembrarem das capacidades e potências que carrego em mim. Às minhas sobrinhas, Amanda, Sara, Heloísa, Clara e meu sobrinho Bruno Eduardo por possibilitarem a vivência de uma infância melhor e renovarem a esperança de um mundo melhor.

“O amigo é um mago do meigo abraço é mega afago, abrigo em laço, oásis nas piores fases quando some o chão e as bases, quando tudo vai pro espaço, é isso” (Quem tem um amigo tem tudo, Emicida e Wilson das Neves).

Ao Dionatan pelos incontáveis exemplos de paciência, de compreensão, de carinho, de amor e de sustentação em todos esses anos de amizade e afeto; À Denize por sonhar meus sonhos e neles acreditar. Ao José Roberto por todo olhar gentil, amoroso e cuidadoso. Ao Rafael por todas as trocas, carinhos e afetos. À Larissa pelo apoio incondicional aos meus projetos.

“Era um vendaval, era um frenesi, era o oposto de estar nem aí. Era surreal, era pra valer, era somente o que tinha de ser. Era uma chance em trinta mil, o início de uma era. Ora, tudo que se viu agora reverbera. Era, é” (Brisa – Vinicius Calderoni).

À Elizabeth por ter acompanhado todas as angústias, alegrias, afetos e choros dessa caminhada, por experimentar comigo uma relação saudável depois de tantas cicatrizes, obrigada por me permitir perceber o mundo com menos rigidez.

Bendito, louvado seja. Isso é pra afastar todos os maus espíritos, sai! Axé!
Sempre foi quebra de corrente, sem brincadeira e sua luta escondida na dança (pode pá). É igual capoeira (é noiz), resistência mocada na trança, beleza guerreira (axé). A magia dum talo de arruda que vale uma floresta inteira (galhinho de arruda). Abre o olho, maloqueiro (maloqueira), num dorme de toca. As pessoas são como as palavras, só tem sentido se junto das outras. Foi sonho, foi rima, hoje é fato pra palco. Eu e você juntos somos nóiz, e nós que ninguém desata. (A rua é nóiz!) (Yasuke (Bendito, Louvado Seja) – Emicida e DJ Nuh).

À Pricila por me acompanhar no percurso analítico e me ajudar a sustentar e bancar os desejos da vida.

Ao Conrado pelo suporte, orientação e companheirismo em todos os momentos e passos desse projeto, por produzir e sonhar comigo pra além da Academia.

À Verônica, à Millena, à Gabriela e à Maísa por aceitarem nosso convite para compor a banca, por suas histórias e suas afetuosas contribuições.

As colegas da turma 2019 e 2020 do PPGPsi, Ana, Clara, Daniella, Cíntia, Tânia, Larissa e Lucas pela companhia durante a caminhada, e por dividirmos tantas ideias e sonhos nesse período.

Ao secretário do PPGPsi, Gustavo, por toda a sua presteza e auxílio.

Ao CAPsi, Gestão Virginia Bicudo e Gestão Florescer, pelo acolhimento e pela parceria durante as Semanas Acadêmicas e Simpósios de 2019 e 2020.

PRÁTICAS FEMINISTAS NEGRAS: FAZERES, SABERES, LUGARES E SUBJETIVIDADES (RE)EXISTENTES.

RESUMO

O presente trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal da Grande Dourados, na linha de pesquisa de Processos Psicossociais e integra a Pesquisa Psicopatologia e Decolonialidade: Gênero e Relações de Poder nas Políticas Públicas do Grupo de Pesquisa Território, Discurso e Identidade. Buscamos contribuir para uma Psicologia Social Brasileira que considere a raça - construção social da colonialidade - como fundamento social, uma vez que pessoas negras são a maioria em nosso país. O trabalho se insere politicamente no movimento do Pensamento Feminista Negro, se inscreve metodologicamente na abordagem discursiva e associa a interseccionalidade como ferramenta analítica. Seu *corpus* contém enunciados das letras das músicas Cota Não É Esmola (Bia Ferreira, 2018), Letras Negras (Larissa Luz) e Elza (Rimas & Melodias). A partir da visão interseccional, observamos a ausência de pesquisas acerca das contribuições de mulheres negras no Movimento Hip-Hop e da Psicologia sobre as mulheres negras e suas subjetividades. Utilizamos o Movimento Hip-Hop como expressão subjetiva e política, investigamos como a subjetividade negra emerge nos espaços fronteiriços entre negritude e branquitude, entre quartos de despejo e salões de visita, entre masculino e feminino, entre quem tem direito a ser sujeito e quem não o tem. Esta pesquisa encontra-se dispensada de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa por tratar de análise de documentos públicos. Os resultados indicam ser o HIP-HOP uma forma de resgate de subjetividades silenciadas, uma agência de letramentos, um recurso de Educação Formal e Não-Formal e de denúncia da exclusão social. Dessa forma, o Movimento HIP-HOP contribui no resgate e valorização das contribuições negras na construção de nossa cultura nacional.

Palavras-Chave: Movimento HIP-HOP; Subjetividades Negras; Interseccionalidade; Análise do Discurso; Relações de Poder.

BLACK FEMINIST PRACTICES: TASKS, KNOWLEDGES, PLACES AND (RE)ESTABLISHED SUBJECTIVITIES.

ABSTRACT

The present paper is the result of the study developed in the Psychology Graduate Program (PPGpsi) in the Federal University of Grande Dourados (UFGD), in the Psychosocial Processes field of research and it is part of the Decoloniality and Psychopathology Study: Gender and Relations of Power in Public Policies of Territory, Speech and Identity. We seek to contribute to a Brazilian Social Psychology which considers the race – social construction of coloniality – as social foundation of its analysis, since black people are the majority in our country. The paper is politically inserted on the Black Feminist Thought, is methodologically inscribed in the discursive approach and associates the intersectionality as analytic tool. Its *corpus* contains statements of the song lyrics Cota Não É Esmola (Bia Ferreira, 2018), Letras Negras (Larissa Luz) e Elza (Rimas & Melodias). From the intersectional view, we notice the absence of studies on the contributions of black women in the Hip-Hop Movement and the Psychology about black women and their subjectivities. We use the Hip-Hop Movement as political and subjective expression, we investigate how the black subjectivity grow out in the borderspace between blackness and whiteness, the trash rooms and the lounge, masculine and feminine, between those who have and those who have not the right to be a subject. This study lies released of submission to the Research Ethics Committee because it is an analysis of public documents. The results indicate the Hip-Hop Movement as being a way to rescue silenced subjectivities, an agency of literacies, a resource of Formal and Non-Formal Education and denounce of social exclusion. In this way, the Hip-Hop Movement contributes on the rescue and valuation of black contributions on the construction of our national culture.

Keyword: Hip-Hop Movement; Black Subjectivities; Intersectionality; Discourse Analysis; Relations of Power.

Sumário

Memorial	6
Introdução	10
Ensaio de Abertura	16
Romper Silêncios: Retomando Subjetividades Negras na Psicologia	16
Movimento Hip-Hop: uma forma de Quilombismo	27

Referências	34
Fronteiras (trans)formadoras: subjetividades na letra de Cota não É Esmola	37
Resumo	37
Introdução	39
Discutindo Fronteira.....	43
Discutindo Interseccionalidade.....	45
Considerando a Análise do Discurso e Seus Procedimentos.....	48
As Fronteiras de Exclusão da Mulher Negra e a Emergência da Reexistência	49
Processos Educativos em Cota Não É Esmola	50
Considerações Finais	55
Referências	56
Letras Negras em Quartos de Despejo: diálogos entre Carolina Maria de Jesus, o Hip-Hop e os Letramentos	59
Resumo	59
Introdução	59
Ausência de Cor na Historiografia da Educação Brasileira.....	60
Movimentos Negros no Brasil	62
Letramentos da Reexistência	63
Sonhos Despejados	65
Vozes Negras	68
Considerações Finais	71
Referências	72
Eu vim do Planeta Fome: corpo e subjetividade da mulher negra na letra da música Elza	75
Resumo	75
Introdução	75
A carne mais barata: mulher negra, corpo o(a)jeto?	76
Texto fora de contexto: corpos e imagens (trans)formados	78
Let's go let's go'utras Elzas: provocando rupturas	82
Sou o que tinha que ser e batalhei pra ter a chance de existir: (re)construindo identidades	85
Influenciando gerações, trazendo indagações, escancarando os portões: considerações finais.....	86
Referências	87
Considerações Finais	89
Anexos	94

Anexo 01. Letra da música Cota Não É Esmola	94
Anexo 02. Letra da música Letras Negras	97
Anexo 03. Letra da música Elza	99

Práticas Feministas Negras: fazeres, saberes, lugares e subjetividades (re)existentes

Memorial

Pretinha metida. Arrogante. Preta. Moreninha. Cabelo ruim. Seu lugar é na cozinha. Psicologia é coisa de branco. NÃO!

Antes de tudo SUJEITO. Sujeito Político, com nome e sobrenome.

VANILCE FARIAS GOMES, assim, gritado mesmo e reafirmado para que não se esqueçam e para que a branquitude não me apague.

O grito e a luta são coletivos. Nos nomeamos, nos resgatamos e preservamos nossa história.

Para não cair no esquecimento, para não sofrer apagamento e para sobreviver e (re)existir gritamos e lutamos.

Vanilce Farias Gomes, 27 anos, mulher preta, de luta, fronteira, psicóloga, filha, irmã, tia, amiga e amada. Se construindo mulher desde 1993. Sofrendo (trans)formações subjetivas e realizando um trabalho que faça que a carne mais barata não seja mais a preta.

Filha de Bobi Nelson Pedro Gomes e Vasti Maria Farias Gomes, uma árvore genealógica perdida e uma ancestralidade que simbolicamente habita em mim. Da minha família extensa, verdadeiramente conheço poucos. Com a minha mãe, minhas irmãs e sobrinhas construo afetos, desejos e recupero o direito de sonhar.

Meu pai se foi aos 57 anos, vítima de um câncer agressivo e com uma das pernas amputadas dois anos antes por complicações da diabetes. De um casamento que durou mais de 37 anos, tiveram cinco filhos, dois meninos e três meninas. Pelo que pude registrar em conversas sussurradas pelo meu pai, o primeiro filho morreu antes de completar dois anos, vítima de complicações de sarampo. Minha mãe nunca falou a respeito, assim como tantos outros aspectos de sua vida. Quando tento recuperar ouço em meio a risadas que devo parar de querer psicologizá-la, respeito e aceito, algumas dores levam tempo para serem nomeadas. Embora não enuncie suas dores, percebo o olhar triste, carregado de dor, fitando o horizonte, sei que é dor e tristeza, pois carrego o mesmo olhar, de quem olha pro céu, pro horizonte e se pergunta: - como a vida pode ser tão cruel em tantos sentidos.

Faz seis anos que meu pai morreu, ele não acompanhou o nascimento da maioria das netas, não assistiu nossas conquistas e não viu onde conseguimos chegar mesmo contra todas as estatísticas e o mundo contra nós.

Na autópsia do meu pai, faltou a *causa mortis* principal, o racismo. Várias e várias vezes ouvi o questionamento de como as coisas não davam certo e a vida não ia pra frente, mesmo com tanto esforço dedicado. Ele e minha mãe trabalharam pesado desde sempre, extraindo madeira,

trabalhando na roça, lavando roupas alheias, coletando e reciclando plásticos e papéis pela cidade durante a madrugada e os separando durante o dia todo. Meu pai vivia irritado, tinha insônia e ao que tudo indica tentava abafar suas dores fumando. Assim como eu, e a maioria das pessoas pretas, meu pai tinha sérias ausências, principalmente a do direito ao sonho que se esvaiu dele aos poucos depois de tantas batalhas perdidas, teve feridas e faltas na alma que logo se transformaram em feridas no corpo, uma delas fez com que sua perna fosse amputada. Suspeito que na busca por acalmar tudo aquilo que lhe afligia por dentro, fumava o tempo todo. O cigarro o levou a perder dois dentes da frente, caíram após uma limpeza brutal, realizada sem anestesia por um dentista formado em uma escola modelo colonial racista que acreditava quase instintivamente que preto não sente dor, que homem preto é resistente, desprovido de sentimento, inumano. O corpo preto é desprovido de dor para a medicina, não precisa de cuidado e atenção, até hoje passo por situações semelhantes às que meu pai passou quando busco por ajuda médica, são sempre momentos traumáticos que admito, tento evitar. Meu pai morreu de câncer, mas o câncer foi só o resultado do que uma sociedade colonial e racista faz com corpos pretos e pobres que não lhes importa. Meu pai viveu a fome com a esposa e os filhos pequenos, viveu o racismo, mas sempre me disse a importância de estudar. De alguma forma sempre soube que isso era o que me garantiria uma vida diferente daquela destinada às mulheres pretas, me lembro da felicidade dele contando pras pessoas que eu havia passado em primeiro lugar no concurso pra “ser secretaria no Estado”. Eu tinha 21 anos e ele passava pela fase diagnóstica do câncer. Na época eu não fui capaz de dimensionar o que aquilo significava, mas hoje entendo que foi através disso que tive um caminho diferente das pessoas pretas que estudaram comigo naquela cidade do interior, pessoas desacreditadas desde sempre que sofreram racismo e negligência nas escolas. Foi através do amor aos livros que eu consegui me salvar desse destino, e meu pai sabia disso.

A falta de segurança alimentar, de saneamento básico, de saúde, educação e de condições dignas de vida foram consequências do racismo. Sua doença foi um reflexo de toda a negligência sofrida ao longo da vida. Ele morreu de câncer e de racismo, a doença tirou sua vida e levou um pouco da minha mãe, de mim e das minhas irmãs, do meu irmão e do meu sobrinho mais velho. Apenas recentemente, após muitas horas no divã, é que consigo botar boa parte disso em palavras, mesmo que seja em meio a lágrimas, mesmo que incapaz de dimensionar a dor que ele sentiu, o peso que carregou por ser um homem preto e pobre. Ele não viveu o suficiente pra compartilhar comigo e com as meninas o direito de sonhar e desejar, a alegria da minha irmã quando depois de inúmeras tentativas recebeu sua primeira filha e, alguns anos depois, a segunda, a alegria da minha irmã mais velha construindo sua própria casa e assumindo seu

concurso, a alegria da minha mãe nas reuniões familiares que hoje são repletas de comida, crianças e amor, como uma forma de nos lembrar que os tempos difíceis se foram. Ele não assistiu minha colação de grau, a retomada da esperança e do direito ao sonho quando conquistei o ensino superior, no curso que desejei. Não esteve conosco quando liguei aos gritos contando pras meninas a aprovação no processo seletivo do mestrado. O racismo tirou de meu pai a possibilidade de assistir ao resgate do direito ao sonho e à minha luta constante pra mantê-lo para as próximas gerações da nossa família. Pois sei bem, que manter esse direito é resistir a cada dia, é exigir dignidade e estar sempre alerta para que a urgência de comer e sobreviver não seja a morte do nosso direito ao sonho.

A luta não é pra ser melhor do que o branco, a luta é para que gente preta possa ter o mínimo de direito ao sonho, a aquilo que nos faz sujeitos: o desejo. Que tenhamos direito à história, à memória e à ancestralidade, que a gente tenha o que há muito tempo nos foi tirado, a dignidade e o direito a ressignificar nossas dores. As chances sempre estiveram contra nós, mas resistimos e lutamos para que não nos apagassem. Bancar isso nos trouxe feridas ancestrais e lutos que nos serão eternos. O sonho é de que possamos nos entender, nos reconhecer e sermos reconhecidos enquanto sujeitos, e que os que vierem depois de nós, possam desejar, sonhar e terem feridas ancestrais mais brandas, pois o racismo, infelizmente ainda nos atravessará por muito tempo, por isso é necessário lembrarmos de que o amor é o caminho para cura do povo preto, como disse bell hooks, precisamos do afeto, do amor, da subjetividade e do cuidado que nos foi retirado sistematicamente como forma de nos controlar, que nos aquilombemos em afeto e conhecimento e que possamos chorar menos a morte dos nossos e desejar mais.

A escolha pelo meu objeto de pesquisa está marcada na pele, antes mesmo de ser consciente. Durante os anos de 2017 e 2018 sofri com graves episódios de depressão e ansiedade, nesse período uma das minhas ancoragens, além da análise, foram as músicas de rap que incansavelmente acompanhavam minhas viagens diárias (Maracaju até Dourados) para a faculdade. Ao final de 2018 eu entendi que a dor só seria aliviada, para as pessoas pretas, quando rompêssemos o silêncio que cerca e cala nossas dores, foi nesse momento que fez sentido tatuar o trecho de umas das músicas que eu mais ouvia, *Manifesto/Pule Garota* do grupo Rimas & Melodias, e foi assim que *romper silêncios* foi inscrita na pele e na minha subjetividade. O projeto de pesquisa inicial era trabalhar com relatos de mulheres negras da Psicologia, durante o caminho escolhemos uma outra estrada, que em retrospectiva faz muito mais sentido atualmente. Durante uma das orientações, enquanto pensávamos em subjetividades negras, Conrado propôs que trabalhássemos alguma forma de expressão artística, na hora disse “vamos de rap”, e confesso que pensei que não seria uma ideia levada a

sério, me enganei profundamente. Desde então o que estava gravado na minha pele e na minha alma, se tornou objeto de pesquisa, mas mais do que isso, se misturou as escrevivências em mim e se tornou projeto de vida, na busca do direito de sonhar e à subjetividade.

Assim como Abdias Nascimento (2016, p. 35), faço parte do grupo investigado, as relações de tensão das fronteiras que me atravessam fazem parte da realidade “de um cinturão histórico” que construiu uma estrutura antidemocrática pautada em mitos anti-históricos.

Introdução

Eu não posso me dar ao luxo de lutar por uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular. E eu não posso tomar a liberdade de escolher entre as frentes nas quais devo batalhar contra essas forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não demorará muito a aparecerem para destruir você (Audre Lorde, 2015).

O presente trabalho investiga discursivamente uma das expressões do Movimento Hip-Hop, o RAP, produzido por mulheres negras. Nosso interesse é despertado pela maneira como o Movimento Hip-Hop questiona o padrão da universalidade branca propondo novas formas de ser sustentadas por construções coletivas negras e não-brancas¹. Nossa pesquisa é fruto da construção coletiva em reuniões de orientação, em caminhadas e grupos de estudos, no decorrer das disciplinas e, principalmente, do contato e do afeto com àquelas(es) que vieram antes de nós.

Temos como objetivo contribuir com a Psicologia Social Brasileira para que esta considere a raça – construção social da colonialidade – um dos fundamentos de nossa sociedade, e não um recorte, uma vez que a população brasileira é composta majoritariamente por pessoas negras e não-brancas. Para alcançar tal objetivo utilizaremos como *corpus* de análise algumas manifestações do Movimento Hip-Hop, movimento político e social que por meio da arte questiona as estruturas e reivindica mudanças, mais especificamente, analisaremos letras enunciadas por mulheres negras do Movimento, representantes de uma minoridade, dentro da própria minoridade. Nos inserimos politicamente no Pensamento e na Prática Feminista Negra e, metodologicamente, na abordagem arqueológica discursiva foucaultiana associada à interseccionalidade proposta pelo Pensamento Feminista Negro desde os anos 1970.

Nos propomos contribuir com a compreensão de como as subjetividades negras, historicamente negadas, se (re)configuram e (re)existem possibilitando processos de construção de “autodefinição e de autoavaliação” (Collins, 2016) visando a organização ética e política da população negra na conquista de direitos civis básicos e o fim da discriminação racial analisando a emergência do discurso sobre Educação e produção de conhecimento nas letras de Rap de mulheres negras.

O Rap de mulheres negras expressa sentimentos, vivências e práticas difíceis de nomear em uma sociedade supremacista branca e masculina e diz, interseccionalmente, sobre relações raciais e de subjetividades de uma maioria silenciada² capaz de elevar suas vozes e seus corpos das periferias aos centros, utilizando o discurso, a linguagem e a arte como ferramenta de mobilidade social e luta pela autonomia.

Inicialmente pensamos em trabalhar com o discurso de mulheres negras na Psicologia na cidade de Dourados – MS, mas, após considerar limitações da pesquisa, optamos por investigar discursivamente como as práticas feministas negras com seus fazeres, saberes, lugares e subjetividades se tornam (re)existentes e se manifestam no Movimento Hip-Hop. Nosso objetivo geral ganhou novos contornos metodológicos e a interseccionalidade passou a compor a centralidade de nossas análises. Afinal, mulheres negras não são subalternizadas apenas pela categoria gênero, mas indissociavelmente pela raça e classe, uma vez que gênero é a maneira pela qual a raça é vivida (Davis, 2016). Optar por uma análise interseccional nos leva a abandonar a compartimentalização das opressões, sustentada por dicotomias, para abarcar uma análise das conexões entre as opressões e suas emergências a depender do contexto/espço. Analisar as opressões em blocos hierárquicos (gênero – sexualidade – raça – classe - *etc*) atrasa o avanço na luta pelos Direitos Humanos e pelas vivências negras, indígenas e não-brancas que ocorrem em espaços fronteiriços, sendo (trans)formadas constantemente.

A psiquiatra, psicanalista e escritora Neusa Santos Souza (1948 - 2008) em seu livro *Tornar-se Negro: as vicissitudes do negro em ascensão social*, lançado em 1983, aponta que a experiência negra e a negritude são partes de um processo de torna-se uma vez que...

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 2019, p. 25).

Souza (2019) se voltou às experiências de jovens negras(os) em ascensão social e como suas subjetividades são impactadas pelas ideologias da classe branca dominante. É por meio da Teoria Psicanalítica e da Teoria das Ideologias, organizadas em torno do Complexo de Édipo, que a autora apresenta sua conclusão. A(o) negra(o) brasileira(o) que ascendeu não ignora seu corpo e sua cor, mas apresenta maneiras distintas de lidar com os efeitos dela. No Brasil "nascer com a pele preta e, ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra" (Souza, 2019, p. 87 - 88), tornar-se negro é tomar consciência dos processos ideológicos responsáveis por construir e sustentar o mito de negro e a partir disso criar estratégias que reassegurem e reafirmem a dignidade da(o) negra(o) brasileira(o).

Abdias Nascimento (2009) nos lembra: - as elites brancas dominantes de nosso país desenvolveram esforços gigantescos para alijar o povo negro de sua ancestralidade, de seu pertencimento histórico e de sua cultura, de todo e qualquer traço que pudesse os tornar humanos.

[...] arranjar da mente e do coração dos descendentes escravos a imagem da África como uma lembrança positiva de nação, de pátria, de terra nativa; nunca em nosso sistema educativo se ensinou qualquer disciplina que revelasse algum apreço ou respeito às culturas, artes, línguas e religiões de origem africana. E o contato físico do afro-brasileiro com os seus irmãos no continente e na diáspora sempre foi impedido ou dificultado, entre outros obstáculos, pela carência de meios econômicos que permitissem ao negro se locomover e viajar para fora do país. Porém, nenhum desses empecilhos teve o poder de obliterar completamente de nosso espírito e nossas lembranças a presença viva da Mãe África (Nascimento, 2009, p. 198).

Apesar de todas as tentativas de apagamento, silenciamento e embranquecimento as experiências das amefricanas e dos amefricanos³ não pôde ser apagada, porém as tentativas produziram sintomas sociais: o racismo à brasileira, o racismo cordial, sustentados pelo mito da democracia racial, bem como o quilombismo e formas outras de aquilombamento surgidas como resposta as violências e violações sofridas (Nascimento, 2009; 2016). Essas respostas são estratégias de (re)existências presentes nos Movimentos Negros, no Movimento Hip-Hop, no Pensamento e Prática Feminista Negra.

É por meio das expressões do Movimento Hip-Hop que observamos um intricado jogo de negociações e engodos com/para a linguagem. Barthes (1996) nos mostra a impossibilidade de se libertar da língua e da linguagem, pois poder e servidão se confundem e se entrelaçam em encruzilhadas. É a partir do ato de *teimar* que um(a) escritor(a) – sujeito(a) de uma prática – espia e contesta essas encruzilhadas, é por não se render as verdades universais que se realiza um engodo na linguagem e ao teimar se deslocam os sentidos. Assim como em todo monumento literário (literatura, escrita ou texto) no Movimento Hip-Hop todas as ciências estão presentes e há a possibilidade de tocar o exterior da língua e da linguagem, é possível teimar, deslocar e recuperar sentidos. É por meio das enunciações apontadas por Barthes (1996, p. 20) que se deslocam e se produzem os saberes não mais visando as palavras como simples instrumentos, mas sim como projeções, explosões e vibrações nas quais a "escritura do saber faz uma festa". O deslocamento proposto não tem por objetivo criar uma verdade ou confrontar cientistas, mas sim alcançar a liberdade mostrando outras formas e outros meios de alcançar o desejo do impossível.

Essa liberdade é um luxo que toda sociedade deveria proporcionar a seus cidadãos: tantas linguagens quantos desejos houver: proposta utópica, pelo fato de que nenhuma sociedade está ainda pronta a admitir que há vários desejos. Que uma língua, qualquer que seja, não reprima outra: que o sujeito futuro conheça, sem remorso, sem recalque, o gozo de ter a sua disposição duas instâncias de linguagem, que ele fale isto ou aquilo segundo as perversões, não segundo a Lei" (Barthes, 1996, p. 24).

Sendo assim, Movimento Hip-Hop e a Literatura carregam em si o desejo de se libertar não da linguagem, nem da língua, mas de possibilitar a liberdade dos/as sujeitos/as em se expressar de acordo com seus desejos e possibilidades, sem que isso incorra em qualquer tipo de exclusão, discriminação, marginalização ou violação.

Nosso *corpus* de análise é composto por três Raps escolhidos a partir dos critérios de: ser uma música composta e enunciada por mulheres negras do Movimento Hip-Hop, ter ênfase em aspectos de formações subjetivas e enunciarem múltiplas experiências de negritude. Estamos filiadas ao Pensamento Feminista Negro e como consequência a Interseccionalidade (Gonzalez, 1982; 1984; 1988; 2020; Crenshaw, 2002; Davis, 2016, 2017; Akotirene, 2019; Collins, 2019, 2016; Lorde, 2015, hooks, 2013 & Carneiro, 2003) e a teoria foucaultiana do discurso (Foucault, 2013) nos afetam. A escolha das letras se deu com base em nosso conhecimento e havendo uma infinidade de canções enquadradas nesses critérios, seria impossível apreendê-las e, mesmo nas letras escolhidas, dada a riqueza e exterioridade discursiva presente, nos é limitada a análise de apenas alguns critérios, já que a discursividade e a exterioridade de um texto não se encerram em si mesmas e jamais cessam de se inscrever com novos sentidos (Foucault, 2013). As mulheres negras, enunciatárias de nossas análises, resgatam referências na construção das identidades e subjetividades das mulheres negras brasileiras, Elza Soares (1930 -) com a música Elza (Rimas & Melodias), Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) com a música Letras Negras (Larissa Luz e Pedro Itan) e Cota Não É Esmola (Bia Ferreira) enuncia a trajetória da mulher negra, mãe da cultura brasileira, empregada doméstica e subalternizada, construída com base no articulação entre as práticas racistas e a ideologia racista, conforme apontou Gonzalez (2020). A escolha de tal *corpus*, aconteceu em conformidade com a perspectiva de autodefinição e autoavaliação de Collins (2016) na qual a autodefinição é um processo de resistência e de confronto com um conhecimento político construído com base no olhar estereotipado do branco sobre as populações negras e a autoavaliação permite que o conteúdo das autodefinições circulem e substituam imagens externas estereotipadas por imagens autênticas, ambas constituem ferramentas de sobrevivência em diversos níveis para mulheres negras. Entendemos que a enunciação de mulheres negras no Rap provoca e possibilita a construção de formas de autodefinição e autoavaliação para mulheres e crianças negras.

A estruturação de nosso trabalho se dá por meio do modelo *multipaper*. Optamos por tal estrutura pela flexibilidade e maior liberdade para nossas análises, uma vez que em cada um dos artigos analisamos uma letra e temos objetivos distintos. Nosso texto apresenta duas

formatações oficiais: ABNT e APA. Tal apresentação se deve ao fato de que todos os artigos se encontram em processo de submissão e são aqui reproduzidos de acordo com as normas das respectivas revistas. Após nossa banca de qualificação (setembro, 2020) recebemos importantes contribuições acerca de nossa estrutura e de nossos caminhos metodológicos, as agradecemos imensamente. Tais contribuições resultaram em uma (re)estruturação. Por termos optado por uma dissertação em formato *multipaper*, escrevemos um ensaio de abertura de maneira a contemplar conceitos e percursos históricos pertinentes aos nossos artigos. Nosso trabalho é composto agora pelo memorial, esta breve introdução, um ensaio de abertura que contém os itens *Rompendo Silêncios: retomando subjetividades negras na Psicologia*, no qual realizamos um levantamento das produções sobre a negritude, o racismo e o colonialismo nas subjetividades negras e não-brancas e problematizamos a ausência de uma Psicologia Negra/Preta em um país composto por maioria negra e não-branca como o Brasil. E o *Movimento Hip-Hop: uma forma de quilombismo* no qual nos apropriamos do termo quilombismo, conceituado por Adias Nascimento (2009), e trazemos um breve histórico do Movimento Hip-Hop e seu surgimento a nível mundial por meio das *marginalidades conectivas* (Osumare, 2015). Em seguida temos os artigos *Fronteiras (trans)formadoras: subjetividades na letra de Cota Não É Esmola* (Artigo 1) e *Letras Negras em Quartos de Despejo: diálogos entre Carolina Maria de Jesus, o Hip-Hop e os Letramentos* (Artigo 2) nossa hipótese em ambos é de que as letras enunciadas representam uma das muitas rupturas possíveis com os processos educativos hegemônicos, produzindo saberes e fazeres distintos da ritualização da palavra apontada por Foucault (2013) a partir do Movimento Hip-Hop, potente agência de letramento (Souza, 2011). O artigo *Eu vim do Planeta Fome: o corpo e a subjetividade da mulher negra na letra da música Elza* (Artigo 3) analisa a letra composta e enunciada pelo grupo Rimas & Melodias, formado por seis mulheres negras. Nele abordamos três eixos de análise: corpo, subjetividade, moral e arte, e partimos do pressuposto de que a existência de Elza Soares é política ao promover rupturas e exprimir acontecimentos a partir do/no corpo cuja carne é mais barata. E, por fim, apresentaremos nossas considerações finais englobando e conectando os três artigos.

Os três artigos encontram-se em processo de submissão. O Artigo 1 em uma revista de um curso de pós-graduação em Educação de uma Universidade pública nordestina, está inscrito na seção regular e aguarda designação. O Artigo 2 está aprovado em uma revista de um programa de Pós-Graduação em Linguagem, da cidade de Campinas, para a composição do dossiê *2021: Tradição e ruptura: pesquisas e práticas da arte impressa contemporânea*. O

Artigo 3 está em processo de submissão em uma revista do Centro-oeste para incluir-se no dossiê *Ressonâncias de escrituras: literatura, antirracismo e educação literária*.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

Ensaio de Abertura

Informe: O presente ensaio encontra-se em processo de submissão para publicação de um livro.

**FRONTEIRAS (TRANS)FORMADORAS: SUBJETIVIDADES NA LETRA DE COTA
NÃO É ESMOLA**

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes A3.

**LETRAS NEGRAS EM QUARTOS DE DESPEJO: DIÁLOGOS ENTRE CAROLINA
MARIA DE JESUS, O HIP-HOP E OS LETRAMENTOS**

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

Informe: O presente artigo está publicado no volume 4 da Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Pós-Limiar do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pode ser acessado a partir do link:

**EU VIM DO PLANETA FOME: CORPO E SUBJETIVIDADE
DA MULHER NEGRA NA LETRA DA MÚSICA ELZA**

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1.

Considerações Finais

A Psicologia, assim como todas as Ciências Humanas, enfrenta dificuldades em admitir as problemáticas físicas e subjetivas acarretadas pelo racismo no Brasil, muito disso se deve em parte pela construção discursiva do mito da democracia racial e da meritocracia e em parte por uma questão egoísta e fantasiosa de não se perceber ou não querer se perceber como algoz, como se a Psicologia fosse uma estrutura fantasmagórica acima de tudo e todos/as e não uma ciência e prática construída diariamente dentro de um contexto branco, elitizado, racista e excludente. Na prática da psicologia não estamos lidando com a/o sujeita/o negra/o portador/a de um complexo de inferioridade, mas sim com as fantasias brancas construídas sobre ela/e, fantasias que representam, portanto, o imaginário branco de superioridade. Na academia não lidamos com uma verdade científica objetiva, mas com o resultado das relações raciais de poder desiguais. É ela quem define quem fala, por quem fala como fala e quando fala. Embora a máscara da tia Anastácia não esteja concretamente presente entre nós molda nossas relações no campo simbólico, principalmente no que diz respeito a produção de conhecimento sobre relações raciais. É comum que pesquisas sobre relações étnico-raciais quando realizadas por pessoas negras sejam apontadas como não objetivas, há envolvimento demais com o tema, as/os pesquisadoras/es serão tomadas/os pela emoção, o que reforça um argumento racista de que negros são instinto e emoção, não dotados de razão. Todas essas justificativas são racistas e permitem que o domínio do mundo conceitual branco do saber desloque nossas produções para o campo da marginalidade, como um conhecimento desviante e específico (Kilomba, 2019).

A musicalidade é uma expressão diaspórica de resgate cultural e de sobrevivência da juventude negra e periférica abandonada pelo Estado. É na/da rua que se desenvolvem as primeiras iniciativas para diminuir a violência nas periferias. Por meio do Movimento Hip-Hop emergem novos dispositivos de enfrentamento e de resolução de conflitos entre os jovens, e dos jovens contra o sistema que os oprime e os invisibiliza, é por meio do incentivo à leitura de autoras e autores negros e da construção de conhecimentos próprios, que se desafia a leitura e escrita hierarquizada e autorizada socialmente pela branquitude, é por meio das manifestações de suas coletividades que se produzem formas de libertação não só da linguagem e do mundo conceitual branco, mas também de recuperação da corporeidade, da identidade e da subjetividade espoliada pela desumanização de pessoas negras, e conseqüentemente novas formas e métodos de se produzir conhecimentos.

O Movimento Hip-Hop se desenvolveu nas ruas, e por meio delas, se impôs transgredindo e subvertendo as fronteiras da interdição, da exclusão e da disciplinarização de

corpos negros e periféricos. Não se deseja mais o mundo conceitual branco e sua validação dos conhecimentos produzidos, ao contrário, funda-se uma lógica e um movimento de valorização de seus espaços, de sua cor e de suas raízes resgatando memórias históricas e possibilitando novas formas de se relacionar com o passado. Vemos esse movimento no resgate realizado por acadêmicas/os, cantoras/es, intelectuais, artista e ativistas dos Movimentos Negros com as produções de sujeitas/os históricas/os e teóricas/os que têm importantes contribuições para a construção do Brasil e para o entendimento de que nosso país é fundado sobre a lógica racial.

Em *Cota Não É Esmola* Bia Ferreira reivindica a palavra e o conhecimento produzido acerca dos corpos negros realizando uma retomada narrativa *experimenta nascer preto na favela, pra você ver, o que rola com preto e pobre não aparece na TV*. A TV aqui assume papel de instrumento de controle e de disciplinarização de corpos negros, é coordenada pela branquitude que se utiliza das imagens de controle e dos estereótipos para sustentar sua lógica universal de ser humano. O poder exercido pela TV e pelas mídias de maneira geral influencia profundamente a forma como nos vemos e como somos vistos pelo mundo. As imagens construídas midiaticamente, por meio da estética, do hipertexto e da estrutura discursiva, tiveram grandes impactos nas carreiras de Carolina Maria de Jesus e de Elza Soares.

Carolina Maria de Jesus foi alvo da invisibilização e do esquecimento literário ao ser identificada como a favelada que escreve ou a escritora favelada, toda a construção feita de sua condição de escritora estava ligada e identificada ao adjetivo de favelada, construído dois anos antes do lançamento de *Quarto de Despejo* com matérias publicadas nos jornais da época, tal identificação impediu que Carolina Maria de Jesus se inserisse de maneira completa no mercado literário como a potente autora que foi. Sua figura foi construída para ser porta-voz da miséria, da favela e da fome, não para ser escritora, frequente foram as críticas literárias apontando sua obra como *obra de um espertalhão*, nesse caso Audálio Dantas, tal crítica estava ligada a uma fantasia branca de que Carolina Maria de Jesus sendo uma favelada negra, não poderia ter um vocabulário e conhecimentos eruditos, envolvendo palavras como abluir-se ou ter lido os clássicos da literatura. Tais atitudes e construções racistas e elitistas da crítica e do mercado literário contribuíram para que a autora não continuasse seu projeto literário, escrevendo romances, novelas e músicas, como era de seu desejo, ainda hoje suas obras são vistas por parte da literatura como registros sociológicos e investigativos.

Elza Soares passa por processos de silenciamento e invisibilização semelhantes ao de Carolina Maria de Jesus, mesmo tendo sido eleita a voz do milênio nos anos 2000 pela BBC de Londres, e tendo em sua carreira uma sequência de discos e álbuns de sucesso, a cantora enfrentou a deslegitimação de sua relação amorosa, foi construída como a destruidora de lares

e teve sua capacidade como cantora constantemente questionada quando decidiu buscar novos estilos e novas parcerias musicais. Foi a partir de seu encontro com os atuais empresários, Pedro Loureiro e Juliano Moreira, que Elza passa retomou sua carreira diante de uma crítica musical que acreditava esgotada todas as possibilidades da cantora. Na história dessas duas mulheres negras, percebemos semelhanças e nos indagamos: por que mesmo sendo talentosas e competentes tiveram suas carreiras boicotadas, e sofreram constantes tentativas de silenciamento e apagamento? Uma de nossas hipóteses é de que suas presenças perturbaram as salas de visitas desacostumadas com a presença dos despejados em posições de destaque e rompendo com os controles discursivos e fantasias brancas tão bem construídas sobre a negritude, foram punidas, mas tal punição não foi suficiente para calar essas vozes que representam uma coletividade.

Não podemos ainda nos ver livres das fantasias que o mundo conceitual branco construiu para nós, mas podemos subvertê-lo e deslocar seus sentidos, provocando rupturas e rasuras. Esse movimento é presente em Carolina Maria de Jesus, quando ela rasura a fantasia branca de que todo negro odeia ser negro.

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta (Jesus, 1960, p. 58).

A fantasia branca supõe ser uma pena nascer com a pele negra ou qualquer traço ligado a negritude, quantas de nós mulheres negras não retintas já ouvimos, *mas você é tão clarinha, não chega a ser negra*, essa construção discursiva serve ao propósito de apagar a existência histórica da negritude e da escravidão de pessoas negras, o ser mais clarinha remete a certa branquitude posta como a única forma humana possível, logo a única forma desejada, de acordo com essa fantasia. O peso do destino histórico sob nós nos encerra em fantasias de subalternidade e servidão, e quando ousamos romper com elas, somos castigadas não mais pela chibata ou pela máscara física do silêncio, mas pelas diversas violências que minam nossa autoestima e subjetividades, portanto, é preciso ocupar espaços, despindo a fantasia branca de seu complexo de superioridade e de dominação, para produzir novas formas de pertencimento e de conhecimento que digam de nós, para nós e não que digam por nós.

A Psicologia, a Psicanálise, a Saúde e as Ciências Humanas somente poderão avançar e garantir autonomia e liberdade para a população negra brasileira a partir do momento em que

abandonarem a construção do mundo conceitual branco como única possibilidade e reinventarem suas práticas e modos de produção, e entenderem que sujeitas/os periféricas/os não são objetos de estudos e/ou materiais de pesquisa, são sujeitas/os de suas escritas, de suas subjetividades, de seus corpos e principalmente, de seus saberes, fazeres e lugares.

¹ No Brasil, em virtude do mito da democracia racial e da falsa harmonia entre as três raças, é comum que pessoas negras e indígenas tenham dificuldade em reconhecer suas identidades e acabem por se identificar como morenas, pardas *etc.*, para não correr o risco de silenciar suas existências, optamos pelo uso do termo pessoas não-brancas.

² Lélia Gonzalez denomina de maioria silenciada as mulheres negras.

³ "caracterizamos o termo amefricanas/amefricanos como nomeação de todos os descendentes dos africanos que não só foram trazidos pelo tráfico negreiro, como daqueles que chegaram à América antes de seu "descobrimento" por Colombo " (Gonzalez, 1988).

ANEXOS

Anexo 1. Letra da música Cota Não É Esmola – Bia Ferreira

Existe muita coisa que não te disseram na escola.

Cota não é esmola.

Experimenta nascer preto na favela, pra você ver. O que rola com preto e pobre não aparece na TV.

Opressão, humilhação, preconceito. A gente sabe como termina, quando começa desse jeito.

Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais, cuida de criança, limpa a casa e outras coisas mais. Deu meio-dia, toma banho, vai pra escola a pé, não tem dinheiro pro busão, sua mãe usou mais cedo pra correr comprar o pão.

E já que tá cansada quer carona no busão, mas como é preta pobre, o motorista grita: Não!

E essa é só a primeira porta que se fecha, não tem busão, já tá cansada, mas se apressa.

Chega na escola, outro portão se fecha, você demorou, não vai entrar na aula de história.

- Espera, senta aí, já já dá uma hora, espera mais um pouco e entra na segunda aula e vê se não se atrasa de novo, a diretora fala.

Chega na sala, agora o sono vai batendo, e ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que se a passagem é três e oitenta, e você tem três na mão, ela interrompe a professora e diz: então não vai ter pão.

E os amigos que riem dela todo dia, riem mais e a humilham mais, o que você faria?

Ela cansou da humilhação e não quer mais escola, e no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola.

O tempo foi passando e ela foi crescendo, agora lá na rua ela é a preta do suvaco fedorento que alisa o cabelo pra se sentir aceita, mas não adianta nada, todo mundo a rejeita.

Agora ela cresceu, quer muito estudar termina a escola, a apostila, e ainda tem vestibular. E a boca seca, seca, nem um cuspe.

Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP, foi o que disse a professora que ensinava lá na escola que todos são iguais e que cota é esmola.

Cansada de esmolas e sem o dim da faculdade, ela ainda acorda cedo e limpa três apês no centro da cidade.

Experimenta nascer preto, pobre na comunidade, cê vai ver como são diferentes as oportunidades, e nem venha me dizer que isso é vitimismo.

Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo.

E nem venha me dizer que isso é vitimi, que isso é vitimi, que isso é vitimismo.

E nem venha me dizer que isso é vitimismo, não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo.

E nem venha me dizer que isso é vitimi, que isso é vitimi, que isso é vitimismo.

São nações escravizadas, e culturas assassinadas. A voz que ecoa do tambor. Chega junto, venha cá, você também pode lutar e aprender a respeitar.

Porque o povo preto veio para revolucionar.

Não deixem calar a nossa voz não! (3x)

Re-vo-lu-ção

Não deixe calar a nossa voz não!(3x)

Re-vo-lu-ção

Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai (4x).

E é peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga (3x).

Peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!

(Peito aberto, espadachim) É peito aberto, espadachim do gueto, nigga (2x)

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!

Vamo pro canto onde o relógio para e no silêncio o coração dispara. Vamo reinar igual Zumbi e Dandara. Ô Dara, ô Dara (2x).

Experimenta nascer preto, pobre na comunidade, cê vai ver como são diferentes as oportunidades. E nem venha me dizer que isso é vitimismo, não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo.

Existe muita coisa que não te disseram na escola, cota não é esmola.

Cota não é esmola (2x)

Eu disse, cota não é esmola

Cota não é esmola (2x).

São nações escravizadas e culturas assassinadas. É a voz que ecoa do tambor, chega junto, venha cá, você também pode lutar e aprender a respeitar. Porque o povo preto veio re-vo-lu-cio-nar.

Cota não é esmola.

Anexo 2 – Letra da música Letras Negras – Larissa Luz e Pedro Itan

Favela do Canindé, 1940.

Ela retratou o universo de lamas e flores, escrevia o que via, o que sentia.

E ela dizia: se você nunca passou fome na sua vida você não vai saber o que estou falando, mas se você já passou, com certeza você vai dizer muito bem, Carolina, muito bem, Carolina.

E aqueles escritos em pedaços de papéis achados no lixo viraram livro, o seu livro foi traduzido em quatorze idiomas, virou best seller, conhecido no mundo inteiro e depois ela foi silenciada, invisibilizada por uma sociedade que não aguenta ver uma mulher preta no poder.

Se você não conhece, pare tudo o que está fazendo e procure saber sobre Carolina Maria de Jesus.

Uma manhã, possível realidade. Uma honestidade, humanidade nua, um despejo em papéis.
Um pedaço da fome.

Invadiu, resistiu, infiltrou, corroeu um sistema e foi pra cima.

Muito bem, Carolina!!! (2x)

Invadiu, resistiu, infiltrou, corroeu um sistema e foi pra cima.

Muito bem, Carolina!!! (2x)

Pérola preta, espelho da vida. Pé na porta de uma cidade letrada. Levantou a cortina da hipocrisia, do monturo à alvenaria e então o silêncio, a morte da poesia.

Te escuto e te vejo, dizendo e escrevendo a favela é um quarto de despejo.

Uma manhã, possível realidade. Uma honestidade, humanidade nua, um despejo em papéis.

Um pedaço da fome.

Invadiu, resistiu, infiltrou, corroeu um sistema e foi pra cima.

Muito bem, Carolina!!! (2x)

Invadiu, resistiu, infiltrou, corroeu um sistema e foi pra cima.

Muito bem, Carolina!!! (2x)

Te escuto e te vejo, dizendo e escrevendo a favela é um quarto de despejo.

É um quarto de despejo (3x)

Invadiu, resistiu, infiltrou, corroeu um sistema e foi pra cima.

Muito bem, Carolina!!! (2x)

Invadiu, resistiu, infiltrou, corroeu um sistema e foi pra cima.

Muito bem, Carolina!!! (2x)

Muito bem, Manos e Minas.

Anexo 3 – Letra da música Elza – Rimas & Melodias.

Eu vim do Planeta Fome, vivo, canto Elza.

Sou verdade, sou alma. meu canto é luz que aflora, meus passos marcam a história, passado foi cheio de espinhos, mas meu nome é agora.

Minha voz encanta e alerta.

Alfinetes e sonhos, cantei amor que nem Caetano e acreditei nos sonhos, dirigindo a minha vida e não permito freios, mulher negra vivida, sempre vencendo os medos.

Vim do front da guerra, sempre pronta pra guerra, levo amor na minha voz e a coragem prospera. A carne mais barata sempre venceu as treta, santo Deus me fez forte, resiste mulher preta.

O amor me ensinou muito, a dor foi minha escola, chorei nas avenidas, reinventei minha história, recomecei do zero sempre que foi preciso.

Passado foi cheio de espinho, mas meu nome é agora.

hey hey meu nome é agora.

hey hey viva Elza.

meu nome é agora.

viva Elza.

Divina ela vai passar, divina Elza vai cantar, com sua luz sempre a brilhar, majestade, força a inspirar.

Divina ela vai passar, divina Elza vai cantar com sua luz sempre a brilhar, majestade, força a inspirar.

Espirito livre pra cantar, menina faceira fois forte para nos mostrar a rainha é brasileira.

Let go, let go'utras Elzas, a nossa é linda e é a verdadeira, se somos fogo ardendo pra lutar reverencio a referência.

Quem ouve dizer, não consegue entender como sobrevivi. (Elza, Elza), sou o que tinha que ser e batalhei pra ter a chance de existir. Cês no berço de ouro enquanto eu carregava as latas, descobri meu tesouro e aprendi a juntar as pratas. Sou a força do mundo, mas cês me queria fraca, queria fraca e eu não sou fraca.

Influenciando gerações, trazendo indagações, escancarando os portões, quebrando de novo os grilhões (2x). Não botaram fé que uma mulher preta como a noite é a revolução, e agora que é, aplaudam de pé pra eu acreditar que foi evolução.

Diga como é vencer sem escoriação, e outras que vir a ser sem tanta humilhação e hoje ver crescer tantas que já são, que já são, já são, já. Pra uns é dom pra outras é uma missão.

Elza, Elza, Elza, Elza, Elza, Elza, Elza, Elza...

Eu já pastei, eu me virei só pra chegar onde eu cheguei por isso agora estou na hora de dar um clique em quem pisar no que eu plantei.

Canais na madrugada sem censura, mais preocupada com meu filho e sua temperatura, acham que eu tô na esbornia, na loucura, passei a noite em claro em busca de uma cura.

Texto fora do contexto será que a vida me testa, há quem fale que eu não presto, não conhece me detesta, to sem tempo precisando de uma festa, preguiça pra debate, visando meu futuro zen tomando meu chá mate.

Os bad vibe não me abate, os good vibe tão comigo, a gente atrai né, quem trai cai, né? Então sai, dou bye bye, o que vem de baixo não me atinge, disse Elza não nos lesa entregamos a Deus os que fingem na nossa reza.

Bato no peito bem forte eu vim pra falar de amor, a torcida falou mal de mim, bato no peito mais forte, eu venci o rancor, fiz meu corre, vim da fome ainda tô que tô.

Os melhor se reconheceram em mim, Louis Armstrong viu meu flow, tudo bem, se impressionou com meu dom, por amor eu fiquei do lado do jogador, da paixão fui refém, minha voz me consagrou do começo ao fim do mundo mulher preta e sem senhor, sem.

Dificuldades eu supero, se eu abro meu peito e berro sou o jazz, o samba num só som, sou mais que verde e amarelo, meu corpo é amor sincero, eu sou o jazz, o samba o som (2x). Com dor no ventre eu venci a corrida, se eu sou pra sempre é pela minha história, piso com força em terra de bacana, minha voz é faca e crava minha glória, glória(2x).

Quantos por mim passaram, pisaram, pisaram e tiraram?

Minha voz se foi afinada em troca do seu status, mas quem ficou, quem gritou, quem ditou, quem da lama levantou cada vez que foi preciso, quem?

Sou uma em um milhão, mas sou todas dentro de mim sou. Eu sou. Amei, amei porque amo o que eu vejo no espelho. Vim das margens, sou estopim e vou cantar até o fim.

Elza (2x).